

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

AÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

C. M. B.
BIBLIOTECA

ASSINATURAS
Ano... 8\$00 Semestre... 4\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANÚNCIOS
Linha (corpo 12)... \$30
Repetição... \$20
Comunicados linha... \$50

DIRECTOR E EDITOR-Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR-P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL,,

PROMESSAS E MAIS PROMESSAS

A comemoração fúnebre com que quizesmos celebrar, no último número, o aniversário do falecimento do grande Bispo e saudável barcelense, D. António Barroso, fez com que não terminássemos as considerações que quasi ficaram suspensas, no penúltimo número, acerca de promessas, ou votos.

Façamo-lo rapidamente, procurando encerrar o assunto pelo seu lado mais prático, para que resulte vantajoso o nosso trabalho. E' esse pelo menos o nosso intento, embora quantas vezes o não consigamos. Felizmente que a paga é proporcionada ao trabalho e não ao fruto.

Feito o voto, obriga o seu cumprimento:

O vulgo, diz St.º Afonso, confunde muitas vezes os desejos ou os propósitos com os votos... Para o distinguir, melhor será perguntar se, quando fizeram o voto, julgavam que haviam de pecar ou não gravemente, se depois o não cumprissem.

A obrigação do voto é grave ou leve, segundo a matéria, porque o voto imita a lei, a qual obriga também segundo a capacidade da matéria.

Pode ele extinguir-se de muitos modos: pela cessação da causa final; por mudança notável da matéria; por comutação; por dispensa; por irritação; por falta de condição, se a cousa só foi prometida debaixo dela.

Deixemos todos estes modos, até a irritação, que é a sua anulação, feita por aquele que tem poder sobre a matéria do voto, direito que, segundo St.º Tomaz, é fundado na natureza, porque é de direito natural que haja o poder dominativo no superior. Podem então os pais irritar directamente todos os votos dos filhos, quer pessoais quer reais, mesmo depois de chegarem à puberdade e pode o marido anular todos os votos da mulher, emitidos depois do matrimónio.

Deixemos, sim, todos estes modos, para nos demorarmos apenas na comutação do voto, que é a substituição duma obra prometida a Deus por outra, com o mesmo vínculo do voto. Quem tem poder ordinário de dispensar nos votos pode também comuta-los, na confissão, ou fora dela.

Postos resumidamente estes princípios genéricos, discreteemos agora:

Então, só em ocasião de uma festa, não-de-ir **quarenta contos** para um santuário, sucedendo o mesmo em meia dúzia deles, e as nossas igrejas sem a decência própria da magestade divina, que nelas habita?

E em que se gastam lá essas dezenas de contos?

Quatro, cinco e seis bandas de músicas fazem o gáudio do **zé boquiaberto**, cincoenta mil lumes iluminam profusamente o arraial e cinco hábeis pirotécnicos esguicham para o ar foguetes de lágrimas, foguetes de assobios, foguetes de vistas, foguetes de morteiros estrondosos. E ao mesmo tempo os namorados, ao som da viola e da pandeireta, sacroteiam-se desalmadamente, durante uma noite inteira.

E, se dermos ouvidos a outras afirmações, que os factos comprovam, muito dêste dinheiro vai abrir formosas estradas, a passarem ás portas dos festeiros, vai alindar as suas propriedades, vai até pejar as suas algibeiras, vai talhar boa fatia, conceder pingues ordenados aos compadres e... aos políticos.

Não será tempo de entrar o bom senso nas cabeças dos voventes?

Com este dinheiro, assim aplicado, os santos não são honrados e presta-se concurso á onda da desmoralisação, que se avoluma e agiganta, ameaçando tudo subverter.

Como se há-de fazer então?

Em duas palavras o diremos no próximo número, concluindo então.

Pelo jardim de Portugal

Apareceu nevoado e fresco o dia 12 de Agosto, com promessa de antes do meio dia se desentranhar num intensíssimo calor.

No monte de S. Lourenço havia festa, uma sóbria romaria de aldeia sertaneja, feita com sete pipas de verdasco cautelosamente resguardado do sol que viesse, pelos ramos de carvalho ou de pinheiro dispostos em geito de dossel sobre os carros, e poucas centenas de povo dos campos, homens robustos afincados a bordões nodosos, mocetozas coradas de braços roliços e morenos do sol das cavadas, crianças descalças folgazãs correndo à vontade pelo arraial em volta.

Dois coretos se erguiam garbosamente, sob a ramagem franca das carvalheiras, aonde duas *afamadas* filarmónicas se degladiariam em ronceiras dissonâncias sem compaixão pelos ouvidos do próximo. De manhã, pouca gente subia ao alto. A romaria tazia-se de tarde, desde as duas horas, até ao recolher da precisão. Alguns mais previdentes e menos habituados ao sol, tomavam os caminhos velhos, e de aldeias longinquas trepavam até a cima à capelinha da Senhora da Saúde. A's 10 horas, chegavam as seis praças da guarda nacional que vinham de Barcelos, estropeadas, cheias de pó, alagadas em suor, para manterem a ordem ou defender direitos. Atrás, vinham as mulheres da roscas, as doceiras e após elas as que vendiam frescas limonadas. Os Manéis acercavam-se já dos alpendres irmanados a baiucas imundas, atirando-se vorazmente ás loursas postas de bacalhau frito, regando-as generosamente com copos de tinto espumoso, fresquinho, a sair da pipa.

A essa hora, dava entrada no arraial a pavorosa *orquestra* de Oliveira do Monte.

Daí a pouco, o mestre dava três pancadas no bombo, num dengoso gesto de imposição, e os músicos submissos corriam a tomar os instrumentos para uma sinfonia irritante. Abancam no coreto, recebem o papel e, a um sinal dado o mais extraordinário batuque, a mais arrepiadora fantochada que os meus desagradados ouvidos tiveram a infelicidade de escutar. Executada a primeira peça, o mordomo da festa entusiasmado do chinfrim trepa ao cimo de um rochedo e de lá queima os três foguetes para o inicio da função. O padre cantor, um presbítero recentemente ordenado, lá está em cima, a saborear os períodos literários de uma gazeta qualquer, tendo como acolitos de um lado o *secretário*, do outro o criado com a batina às costas estendendo os olhos ávidos pelos taboleiros de doce ou pelas canastras de roscas tostadinhas. Os abades viam chegando, gorduchos e medrados, segurando-se a bordões de marmeleiro, gotejando suor das nédias faces vermelhudas, esbaforidos da longa caminhada sob um calor exaustivo que punha ignescências de braza no pedregulho cahótico dos atalhos torculados e poeirentos e incendiava a atmosfera de la-

varedas invisíveis. Na sacristia da capela, enxugavam a testa e as mãos, com lenços brancos de bainha larga, enquanto protestavam contra o calor.—Vamos a isto, ordenava o novo presbítero, que estava sem comer há muitas horas. E preciso que ao meio-dia esteja tudo concluído. Cá fora, continuava o batuque.

O Reverendo abade da frèguesia saiu ao adro, dando ordens ao mestre.

—Vamos para o côro. Acabe depressa com isso.

—Não havia de quê. *S. Ex.ª* continuava batutando freneticamente, arregalando os olhos para os cornetins que desafinavam às mil maravilhas.

Faltava ainda uma peça e havia de executar-se, mesmo que a missa começasse à meia noite. Importava lá bem o que dizia o Abade.

Distribuição de papeis e aí vamos nós à sinfonia de *Bethoven!*

Tem que ser. De novo o senhor abade se aproxima do coreto, intimando:—para dentro. Deixe isso para logo, mestre. Já estamos satisfeitos.

Está ganho o seu diploma. Vamos embora. Não houve meio e a peça foi até ao fim, conquanto o *maestro* apressasse o compasso para não irritar demasiado os impacientes.

Depois, sim senhores. Ia-se para o côro que havia lá que fazer. E foram.

Não é preciso dizer-se o que aqui foi. Todos calculam. Uma algarviada medonha. Uma rabeça por Lamego, outra por Rilhafoles e os cantores decerto chegaram a Alcacer-Kibir! Um côro fantástico, senhores! Nem Pequim pode orgulhar-se de o ter assim! O *Credo*, e *Avé Maria*, soberbíssimos... uma harmonia maravilhosa, única, incomparável. Mas deixemo-nos de elogios altos, senão por mal entendido o mestre ou algum dos seus correligionários pode amolgar-me as costelas com um naco de marmeleiro, antes de me tirar uma satisfação. No fim da missa, cantada segundo os preceitos do ritual bracarense, cada um saiu para o seu lado à cata de um lugar na sombra dos pinheiros, onde improvisasse mesa virgilliana e assentos para os convivas.

Estendia-se sobre a relva tisnada pelos calores do estio uma toalha alvejante e sobre ela collocavam-se em pratos amplos pilhas enormes de pasteis e costeletas, chouriços, presunto, frango e outras variedades... Era dia de festa, e o estômago tinha direito a gozá-la também.

O vinho est-lava dentro dos copos ao cair das canecas bojudas, saltitante e aromático. Comia-se ali familiarmente à semelhança do que sucedia nos agapes das primeiras idades do cristianismo.

BICHAS E FOGUETES

*Depois de tão grande alarme
Em que Lisboa se viu,
Voltou de novo o socôgo,
Porque tudo entrou no rêgo,
Tudo nos eixos caiu!*

*A greve-revolução
Que prometia ferôz
Derrubar este governo,
Já deu a alma ao inferno,
Foi mesmo de catrapôz!*

*É que o António Maria
Que nestas cousas, é um alho,
Abrindo o público erário
Conseguiu que o operário
Voltasse todo ao trabalho.*

*Calou-se, pois, imponente
A voz da bomba infernal
E o lisboêta coitado,
Já a ela acostumado,
Tem saúdades, passá mal...*

*E, para dar-se a ilusão
De, a cada passo, a ouvir
E com seu som se embalar,
Trata até de as fabricar
Em casa p'ra as não pedir!*

*Mas em vez do clorato,
Meiralha, pregos e tudo,
Que mata e faz explosão,
Mete na bomba o ratão
...Cebola e feijão miudo...*

*Efeito prodigioso!
De manhã, mal rompe o dia,
Não há palácio ou tugúrio
Onde não se ouça o mormório
De coufusa bataria!*

*È nas salas, ás janeias,
No páteo, no saguão
E nos quartos de dormir,
Onde se faz mais sentir
O estrondo da explosão!*

*Forte mania, leitores,
Que na loucura já tomal
De há alguns dias p'ra cá
Já afacinha não há
Que não deite a sua bomba!*

*Nisto, afinal vem a dar,
Inda que alguém se quisil',
A arma precontada
E pelo mesmo alcunhada
De...artilharia civil.*

ZEZÃO.

altares de santos em maré de gala. Coros de virgens, bandeiras, música, o pátio e muito povo abrindo alas, para deixar passar a procissão.

Lá diante, em torno das carvalheiras, bailavam as raparigas. Uma nota característica de todas as romarias do Minho. A oração e o baile, a religião e o paganismo associando-se, a tradição vincando através dos tempos! E depois de dar a volta ao cruzeiro, lá em baixo na última quebrada do monte, a procissão recolhia magestosa e grave à capelinha solitária, ninho de pombas brancas que alveja lá em cima, como um milagre de pureza e de amor! Soaram os derradeiros foguetes, dispersaram-se as gentes pelos atalhos, a caminho do seu lar. Tinha-se posto o sol e lá em baixo, no vale, onde pairava uma grande sombra misteriosa tocavam os sinos às *Avé-Marias* nima toada melancólica e doce, como se de longe, numa voz de saudade, se nos infiltrasse na alma acordando uma prece!

Roriz, 13 de agosto de 1923

Arnaldo Bezerra de Azevedo.

+++++

PROFESSORA

Lêcionna francês e piano.

Falar no Recolhimento.

+++++

